

Festival Sete Sóis Sete Luas Pontes lusas em Pontedera

Marina Tavares Dias*

“Este intercâmbio cultural engrandece não só Pontedera, não só os pontos do globo aonde o Festival Sete Sóis Sete Luas chega, mas o mundo inteiro. Porque faz acreditar na ligação entre os povos.” Quem o disse foi o pintor brasileiro Vando Figueiredo, na noite da inauguração da sua mostra *Aldeota*, no Centro Sete Sóis, em plena Toscana. As suas palavras serão, talvez, a melhor homenagem que se pode fazer ao trabalho incansável de Marco Abbondanza e da sua equipa. Ao longo de 19 anos, têm levado a cultura portuguesa e lusófona pelo mundo fora. Um labor quase impensável, em permanente viagem pelas quatro partidas do mundo. Como o diretor do festival sublinha, é “um modo universalista de ver as coisas, e que aprendemos em Portugal”.

Pontedera, cidadezinha industrial no coração da Toscana, próxima de Pisa e do mar, era mais conhecida pela fábrica das famosas “vespas” da Piaggio. Hoje, no comboio que chega de Florença, perguntamos pela estação e respondem-nos de imediato: “Também vou para o Festival Sete Sóis.” A cidade que recebeu nome através da ponte que lançou sobre o Rio Era aprendeu a fruir outras pontes. Todos os verões, desde 1992, ali afluem espetadores de todos os pontos da Toscana para verem e ouvirem artistas, cantores, grupos e músicas do mundo.

Mas 2011 foi especial por outra razão. No dia 16 deste mês, o Centro Sete Sóis Sete Luas inaugurou em Pontedera o primeiro monumento italiano a José Saramago. O autor da escultura é César Molina, espanhol da Andaluzia, que considera que esta *passarola*, inspirada no livro *Memorial do Convento*, “evoca o iluminismo, metáfora do sonho e da liberdade utópica”. José Saramago é bastante mais que presidente honorário deste festival. A designação Sete Sóis Sete Luas remete para a personagem principal do já referido romance, e o apoio do escritor foi o sólido alicerce que permitiu a expansão do projeto. Na noite de inauguração do monumento a José Saramago decorreu também a estreia italiana do filme *José e Pilar*, de Miguel Gonçalves Mendes.

“Sentimo-nos filhos da cultura portuguesa” – revela-nos hoje o fundador do Festival Sete Sóis Sete Luas, Marco Abbondanza. “Aprendemos a forma de conviver



A Passarola O primeiro monumento italiano de homenagem a José Saramago



Música Sebastião Antunes (ao centro) e a sua banda, com Marco Abbondanza (fundador do Festival) e Maria Rolli (coordenadora da produção)

e de comunicar dos portugueses. Mantemos no coração o que aprendemos em Portugal. Depois, tentamos levar esse ensinamento a todos os povos do mundo. Porque nos sentimos filhos da cultura portuguesa.”

A 19.ª edição do Festival Sete Sóis Sete Luas abrange já 25 cida-

des de 10 países espalhados pela bacia Mediterrânica e pelo mundo lusófono: Brasil, Cabo Verde, Croácia, Espanha, França, Grécia, Israel, Itália, Marrocos e Portugal. O projeto engloba agora outras vertentes culturais, como a inauguração de centros de atividades. O primeiro, em Pontedera, possui

já galeria, centro de congressos, livraria e *art-café* abertos todo o ano. Assim sendo, a inicial “estrutura de acordeão”, referida por Marco Abbondanza a propósito da relativa acalmia durante os meses de Inverno, é cada vez mais uma dinâmica de moto-contínuo. Mal encerra a ciclo de concertos na Toscana, logo parte para inaugurar mais um centro cultural – terceiro, após o de Pontedera e o de Ponte de Sor – em Frontignan (França).

Apesar da azáfama paralela, ou talvez por isso mesmo, o festival está de boa saúde e recomenda-se. Com iniciativas pioneiras, como é o caso das orquestras especialmente criadas para aqui brilharem e constituídas por músicos vindos de vários pontos do globo. Este ano, o projeto chama-se 7 Sóis Med Kriol Orkestra, e é constituído por músicos de Portugal, Cabo Verde, Andaluzia, Marrocos, Puglia e Sicília. No concerto que ofereceram ao público da Toscana na noite de 18 de Julho, misturaram tradições musicais de cada região, tocando também temas inéditos. O português José Barros, ex-vocalista dos Navegante, é diretor musical da 7 Sóis Med Kriol Orkestra; Teté Alinho, compositora e cantora de Cabo Verde, dá voz aos ritmos crioulos; Manuel Cabrales é o baterista andaluz; Jamal Ouassani veio de Marrocos e toca violino; Mimmo Epifani (de Puglia), trouxe o bandolim e Mário Riveira (da Sicília), fornece a cadência do baixo, contribuindo juntos com o som característico do folclore do Sul de Itália.

Antes deles, no concerto do dia 17, estiveram em palco os Esta, agrupamento multi-étnico de Israel, composto por músicos da Bulgária, do Iraque, da Síria e da Turquia. Os instrumentos originais criados pelos membros do grupo incluem o “zurnafone”, a “bombeta”, a “darbuka” e o “bandutar”. Após viajarem entre os vários locais do festival, alguns desses instrumentos não chegaram a Pontedera a tempo do concerto local. Mais uma vez, a “estrutura acordeão” foi posta em marcha. Em menos de seis horas, Marco Abbondanza e a sua equipa conseguiram alternativas disponibilizadas por músicos toscanos, e o espetáculo decorreu com o esperado sucesso.

Outra estreia nacional foi a dos Korrontzi, que Portugal conhecerá já através dos concertos realizados, há menos de um ano, em Ponte de Sor. Nascido em 2004, este grupo é caso único de notoriedade entre a nova música do País Basco. Mistura a tradicional “trikitilari” (concertina local) com arranjos originais e uma escola de dança “privativa”, onde pares de bailarinos ensaiam com sucesso os passos do fandango basco. Tudo isto ao som dos temas compostos por Agus Barandiaran, cuja energia parece inesgotável. Com ele tocam Kike Mora (baixo), Ander de Saratxo (bateria e marimbas) e Iker Lope de Bergara,

especialista em instrumentos de sopro, que revela ao público truques e sons de um pequeno objeto tradicional basco, a “alboka”.

O último concerto em Pontedera coube ao convidado de honra Sebastião Antunes, músico português de larga experiência que levou o público italiano ao rubro, em aplausos e pedidos de *encore*. Sebastião, vocalista, autor e compositor dos Quadrilha, apresenta reportório pleno de referências à música popular transmontana, conseguindo mesmo que a plateia cantasse consigo um refrão em mirandês. A digressão pelas terras que o festival abarca está ainda a meio. O artista confessa-se encantado com a receção aos concertos, para os quais preparou alinhamento especial, celebrando também a introdução do novo baixista do grupo, Felipe Fontenelle. Tem neste momento um novo álbum em arranjos, pronto para entrar em estúdio. “Não componho em viagem – confidencia – mas, quase sempre, a viagem revela-se inspiração para aquilo que, de regresso, costumo escrever.” Não parece surpreendido por termos lido, nas entrelinhas dos textos, a evocação de Zeca Afonso. Acredita que a música ainda pode mudar o mundo. “Estamos melhores do que estávamos há uns anos. Hoje, já se compõe e produz excelente música em Portugal. Como regra; não como exceção. Sou firme crente de que o melhor é aquilo que está para vir.”

E o melhor é também este festival aberto aos quatro ventos, sempre atento a mudanças e a novos desafios. Marco Abbondanza evidencia-o bem nas palavras com que define objetivos para o futuro: “É verdade que há uma depressão – e não apenas económica – no Sul da Europa. Seremos pobres, talvez tenhamos hábitos menos metódicos, mas a nossa cultura é o Humanismo. O Humanismo é mais importante que os meandros da economia. Se gostamos de viver, e se temos de pagar isso em termos

“**É a Cultura que, com todos os nossos meios, temos de defender primeiro, defende Marco Abbondanza**”

económicos, há uma mensagem positiva que também podemos legar a todo o mundo – existe um outro tipo de qualidade de vida que se pode obter através da Cultura. É a Cultura que, com todos os nossos meios, temos de defender primeiro.” JL

*em Pontedera, Itália.